

Percursos de pesquisas *entre* coletivos: investigações em Educação e Artes.

ANA CLÁUDIA BARIN

MARCELA BAUTISTA NUÑEZ

■ 346

Ana Cláudia Barin é doutora (2019) e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de Pesquisa Educação e Artes - LP4, ambos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui Especialização em Metodologias do Ensino das Artes (2018) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), PR. Bacharel (2010) e Licenciada (2013) em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e acadêmica do curso de Pedagogia (2021 - atual) pela mesma instituição (UFSM). Desenvolve pesquisa em arte, educação, infâncias e fabulação. Professora pesquisadora do GEPAEC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação - FIANDAR, diretório CNPq. Atualmente professora dos anos iniciais da Rede Marista/Santa Maria. E-mail: anaclaudiabarin@hotmail.com

Afiliação: Universidade Federal de Santa Maria

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9531484086157168>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0759-5137>

Marcela Bautista Nuñez possui graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (2018). É mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSM) pela linha de pesquisa LP4 - Educação e Artes (2020). Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (2019). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSM) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC) e Pesquisas em Educação - FIANDAR, ambos vinculados ao CNPq. E-mail: marcelachemy@gmail.com

Afiliação: Universidade Federal de Santa Maria

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5025364045894197>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7192-1921>

■ RESUMO

O artigo em questão é um convite para adentrar e conhecer o trabalho de duas pesquisadoras de um coletivo que produz pesquisa a partir de alianças com os campos da educação e das artes junto às filosofias da diferença, em especial com autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari. O grupo em questão realiza suas pesquisas e investigações nos denominados Encontros de Orientação Coletiva (EOCs), o qual é composto por mestrandos/as, doutorandos/as e pós-doutorandas. Apresentamos aqui um recorte dessas duas pesquisas, que foram atravessadas por caminhos metodológicos construídos durante o processo investigativo de pós-graduação, como a *fabulação* (BARIN, 2019) e o *pasearse* (NUÑEZ, 2020). Ao tempo em que tivemos a passagem pelo grupo, dedicamo-nos a escrever sobre as experiências vivenciadas no coletivo e os modos de se fazer pesquisa em educação permeadas pelos campos de estudo da arte e da filosofia.

■ PALAVRAS-CHAVE:

Coletivo, *pasearse*, *fabulação*, educação, artes.

347 ■

■ ABSTRACT

The article in question is an invitation to enter and learn about the work of two researchers from a collective that produces research based on alliances with the fields of education and the arts along with the philosophies of difference, especially with authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari. The group in question carries out its research and investigations in the so-called Collective Orientation Meetings (EOCs), which is composed of master's students, doctoral students and postdoctoral students. Here we present an excerpt from these two researches, which were crossed by methodological paths built during the post-graduate investigative process, such as *fable* (BARIN, 2019) and *pasearse* (NUÑEZ, 2020). At the time that we spent in the group, we dedicated ourselves to writing about the experiences lived in the collective and the ways of doing research in education permeated by the fields of study of art and philosophy.

■ KEYWORDS:

Collective, *pasearse*, *fabulation*, education, arts.

Sobre tramar escritas com múltiplas vozes

As seguintes linhas escritas apresentam o recorte do trabalho de um coletivo que produz pesquisa de maneira colaborativa, potencializando a partilha e troca de saberes no momento dos encontros. O grupo denominado Encontros de Orientação Coletiva (EOCs) é composto por estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM) e é coordenado pela professora Marilda Oliveira de Oliveira. A partir da Linha de Pesquisa em Educação e Artes (LP4), o grupo vem movimentando-se para produzir pesquisa que se faz *entre* leituras conjuntas, investigações de conceitos, criação de imagens e experimentações que compreendem o coletivo e reforçam a potência das singularidades de cada pesquisador/a.

Intentamos por meio deste artigo capturar alguns dos rastros nos caminhos de investigação ao estarmos em um coletivo que estuda junto, que produz pesquisa junto. Nos colocamos à espreita dos encontros e estados de sinergia com coisas que nos afetaram entre conversas e inquietações. Caminhos compostos por múltiplas vozes, múltiplos trajetos que foram forjados, recortados, marcados e abraçados em devir. Em uma passagem da obra 'Diálogos' de Deleuze e Parnet, contribuiu para pensarmos os estados sinérgicos pelos quais somos afetados/as quando estudamos em grupo, de modo que:

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. Os nomes próprios não são nomes de pessoa, mas de povos e de tribos, de faunas e de floras, de operações militares ou de tufões, de coletivos, de sociedades anônimas e de escritórios de produção (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 43).

Construímos, assim, uma região, um agenciamento, estando em contínua produção de enunciados, fluxos e linhas de fuga que nos mobilizam a criar, elementos e agentes que tornam um coletivo aquilo que ele é, mesmo que provisório, atravessados por elementos que se conjugam das mais variadas formas. Percursos pelos quais nos colocamos à espreita do que pode acontecer, afetar e provocar-nos a exprimir potências. Muitas vezes estas só conseguem ser externalizadas por meio da arte, estando à espreita das múltiplas paisagens que nos habitam em um coletivo, paisagens e planos móveis que ao estarem polinizados por

diferentes conceitos da educação, artes e filosofia esboçam conexões diversas que nos impulsionam a produzir diferentes povoamentos.

O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem compartilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam. É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 47).

É neste plano movente onde produzimos conexões, povoando territórios, produzindo agenciamentos por *entre* as intensidades vivas que nos atravessavam. Para isso, nos aliamos ao conceito de território formulado por Deleuze e Guattari que é desenvolvido nas obras Mil Platôs vol. 1, capitalismo e esquizofrenia (1995) e Mil Platôs vol. 3, capitalismo e esquizofrenia (2015). Vale citar que além de uma noção do âmbito geográfico, faz referência a uma delimitação afetiva, um contorno sensível que compele múltiplas e singulares experiências.

349 ■

Pensamos no território como um espaço que convida a partir do afeto, da partilha daquilo que nos movimenta e nos produz, tanto coletivamente, como de maneira singular. A partir do que reconhecemos como território e, principalmente, como grupo, deslocamo-nos para construir outros múltiplos espaços, assim, mantendo-se sempre em movimento. Este “território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e destruir” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323), deformar-se para produzir pensamento em vias de se fazer, ininterruptamente, e recompor-se, mesmo que momentaneamente, em territórios já circulados. Assim descrito, a “reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323). São nesses movimentos de desterritorialização e reterritorialização, onde há a possibilidade de provisoriamente habitar um território, que há a de germinar as mais variadas ideias e potências.

Os EOCs são espaços de multiplicidades, onde enunciados são produzidos, e essas produções são sempre criadas mediante agentes coletivos, onde estudamos, conversamos, discordamos e escrevemos para desafiarmo-nos para extrair o singular das pesquisas que ali são produzidas. Estes exercícios, que nem sempre nos afetam com alegrias e/ou tranquilidade, por vezes podem até embarçar nossa potência, impulsionando-nos a imergir nas brechas que criamos em busca de possíveis...

Um enunciado sempre representa uma emissão de singularidades, de pontos singulares que se distribuem num espaço correspondente. As formações e transformações desses mesmos espaços levantam, como veremos, problemas topológicos que não se exprimem adequadamente em termos de criação, começo ou fundamento. Por uma razão ainda mais forte, num espaço considerado, pouco importa que uma emissão esteja sendo feita pela primeira vez, ou seja uma

repetição, uma reprodução. O que conta é a regularidade do enunciado: não uma média, mas uma curva (DELEUZE, 2005, p. 16).

Dessa forma, estar *entre* um coletivo aliado às multiplicidades de enunciados que estão e são produzidos no grupo, podemos esmiuçar os agenciamentos que elencamos para cada pesquisa, investigar os movimentos que fazemos com cada conceito estudado e, assim, construir singularidades em meio a tantas ideias, tantos gotejos e inúmeros pensamentos compartilhados. A emissão de singularidades é o que compõem a forma como cada peça desse coletivo se produz *entre* as pesquisas partilhadas e como produz a si mesmo durante o percurso de pós-graduação.

Exercícios de aprender com o outro, de se produzir com os signos, de estar à espreita, de maneira a transitar por caminhos movediços oriundos do pesquisar, da docência e do coletivo, onde escrevemos permeadas pelos discursos de outros/as, com outros/as. Quando escrevemos, não falamos de nós, falamos, escrevemos acerca e sobre os/as outros/as que nos habitam, das vozes que nos permeiam, dos silêncios que residem em nós, assim como das músicas, das pinturas, dos poemas, das conversas, dos encontros que temos e fazemos.

Damos ênfase ao processo e ao que criamos em meio a ele, escrevemos com as coisas que nos aproximam, coisas que ‘garimpamos’ (NEUSCHARANK, 2019) das nossas vivências, escrevendo e produzindo pesquisa, tornando-nos sensíveis às intensidades que nos atravessam, estudamos, lemos e criamos para libertar a vida. Somos/estamos matilha, em pleno devir, na qual “num devir animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 20).

Pessoas com suas singularidades, convivendo, estudando e investigando, a fim de libertar a vida e contagiar outras, a fim de fazer e produzir pesquisa, produzir arte em meio/*entre* a vida. Matilha, não da ordem do hereditário, nem da ordem da reprodução de características e/ou comportamentos, e sim povoamentos por contágios, pandemias de vida, movimentos sinérgicos e heterogêneos, afeitos na processualidade do que nos acontece, ao que nos toca e ao que é possível produzir nesse *entre*.

Quando logramos rachar algumas estruturas que residem em nós (dos mais variados aspectos) abrimos lugares desconhecidos, criamos sulcos, de onde extraímos potências e é neles onde pode residir a magia da criação, onde criamos nosso estilo. Segundo o filósofo Deleuze (2013), o movimento do conceito na filosofia está no estilo. Pensar o estilo é uma “variação da língua, uma modulação, e uma tensão de toda linguagem em direção a um fora. É como um romance: deve se perguntar ‘que vai suceder?’ ‘o que se passou?’. Só que os personagens são conceitos, e os meios, as paisagens, são espaços-tempos” (DELEUZE, 2013, p.180). Se produz pesquisa para traçar linhas de fuga, escreve-se para libertar a vida, para saber o que ‘passou’, o que pode suceder ao libertar-se de uma prisão.

Para isto, é preciso que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo: o estilo cava nela diferenças de potências entre as quais alguma coisa pode passar, pode se passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem, fazendo-nos ver e pensar o que permanecia na sombra

em torno das palavras, entidades que cuja existência mal suspeitávamos (DELEUZE, 2013, p. 180).

Nossos pensamentos e desejos, tais como os que compelem a pesquisa e o pesquisar, se movimentam de forma heterogênea e transversalmente e se produzem concomitantemente e se deixam afetar por diversas intensidades e linhas, oriundas do desejar, dos trajetos de estar estudante, pesquisador/a, artista, professor/a, obrando conexões nunca iguais, sempre em movimento e transformação.

Os caminhos metodológicos que iremos mostrar costurados nestas linhas, a partir das duas pesquisas que serão apresentadas, produzimos imagens, criamos escritas/intentos de fazer o múltiplo e de encontrar nele o que nos une, produzindo assim esboços de escritas a n-1, escritas que afirmam a multiplicidade do 'Ser', que rompem com o universal, e com a ideia de *essência* das coisas, escritas e imagens que colocam o pensamento em movimento e não em repetição. É agora, é instantâneo... Para então libertar as palavras do significante e do que as aprisionam, dobrando as palavras e extraindo-lhes sopros de vidas de um bando que produz junto, em matilha, ao *pasearse* por meio das vivências, ao inventar-se em fabulação.

Pasearse como potência para transitar e pesquisar estando em um grupo

351 ■

Criamos escritas e imagens, deslocando olhares do previsível e do representado. As imagens são potências de olhares estrangeiros, capturas de coisas que estão em nós, compondo moradas provisórias que se fazem existir no momento de encontro com olhares outros, ocupando, assim, espaços inventados no *entre*, estando atravessadas, justapostas, fazendo existir o que nos inquieta, abrindo espaços e múltiplas relações para quem se depara com elas.

Nesse processo de criação, tanto de escritas como de imagens, somos convocados a pensar com que modos vamos realizar esses trânsitos. Escolher imagens para a composição de uma investigação, não é um trabalho fácil, requer tempo e envolvimento e, mesmo assim, nem as imagens nem a escrita 'surtem' após uma leitura, é necessária uma digestão, de modo a tornar visceral as leituras e experimentações e estando atentos/as a não cairmos na armadilha da representação como fachada da escrita.

Imagens estão sempre no meio, não têm ponto de chegada nem de partida, nem origem nem finalidade fixas, somente uma atmosfera onde matérias não formadas e moléculas microscópicas ganham consistência e velocidade, possibilitando afectos diversos, emanando efeitos incorporais (MOSSI, 2017, p. 188).

Alinhamo-nos ao pensamento de Mossi sobre as imagens, pois elas fazem parte do plano movente de uma investigação. Desse modo, para poder guiar-se em meio ao processo investigativo e criativo de escrita e imagens, e vivenciando diferentes modos de se fazer pesquisa, foi possível apoiar-se em uma noção criada a partir de uma citação do filósofo Giorgio Agamben ao citar uma passagem do também filósofo Baruch Espinoza. Trata-se da seguinte passagem, a qual faz menção ao termo *pasearse*, que provém do idioma Ladino, onde Agamben se refere a

"[...] uma ação em que agente e paciente são uma única e mesma pessoa", sendo possível "[...] 'constituir a si visitante', 'mostrar a si visitante'", expressões "[...] nas quais a potência coincide com o ato e a inoperosidade com a obra: a vertigem da imanência é que ela descreve o movimento infinito da autoconstituição e auto-apresentação do ser: o ser como *pasearse* (AGAMBEN, 2000, p. 185-187).

Ao pensar sobre essa passagem e sobre a terminologia *pasearse*, a qual aparece como um verbo reflexivo que expressa uma ação operada no sujeito, que recebe e faz a ação em questão, sendo agente e paciente. Nessa passagem de Agamben, fala-se de uma 'autoconstituição', uma construção de si, a qual a pensamos como um processo que ocorre por arranjos coletivos e composições. O prefixo *autós* (que compõe a palavra 'autoconstituição') provém do grego, e um dos seus significados é 'si mesmo e próprio', de modo que faz menção a algo que se constitui por si. Pensamos que nos constituímos com o mundo, juntamente com realidades e com o que nos acontece e afeta a partir do que nos mobiliza a pensar e a viver.

Ao considerar a etimologia da palavra e foi viável a apropriação de alguns dos seus sentidos, assim como também das relações pensadas ao pensar a noção de *pasearse* como método investigativo. Capturando diferentes atribuições à palavra, de modo a criar planos de sentidos para poder transitar em meio às imagens que foi se criando, assim como as leituras e escritas. Desse modo costurando um plano movente onde a noção de *pasearse* (NUÑEZ, 2020) se encontra em fricção com agenciamentos que se dão no coletivo e ressoam em nossos caminhos e em nossas escritas.

Compondo com a noção de *pasearse* (NUÑEZ, 2020), colocando-a em movimento foi possível conjugá-la de diversas maneiras, de modo a perceber os diversos *paseos* que surgiam mediante escritas, falas e conversas em grupo, tornando-nos viajantes *paseaderos* por nós mesmos/as em processos sinérgicos. Nos pensamos e nos percebemos ao estarmos no coletivo, nos contatos e nas conversas; tomamos as mais variadas rotas, inventamos caminhos estando em um *pasearse andejante*, sem previsões e sem hábitos.

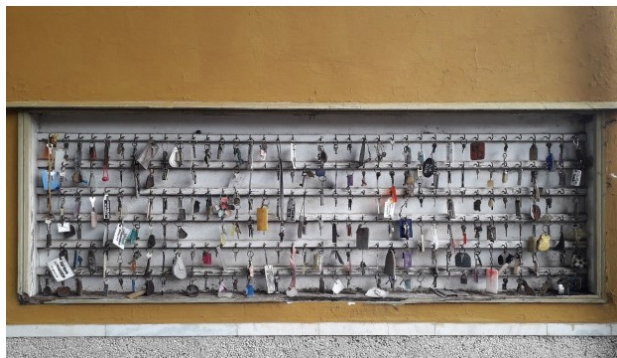


Figura 1. "Claviculario dos jazigos do cemitério. Rivera/Uruguai.". Imagem retirada da pesquisa de Dissertação de Mestrado. 2019. Fotografia da autora.

Ao lançar-se nesses caminhos incertos do pesquisar, nos deparamos com as mais variadas paisagens, tanto externas quanto internas, onde podemos encontrar potências visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, de modo que com esses encontros sinérgicos produziram fotografias que provocaram a pensar as mais variadas conexões entre educação, arte, filosofia e com os EOCs. Um caminho no qual estamos disponíveis às experiências vividas nos encontros, habitando provisoriamente diferentes espaços, conversas e relações, aprendendo e criando diferentes formas de afirmar nossas singularidades.

Um dos objetos mais instigantes neste processo foram as chaves, os feixes de chaves. Ao extrair, por meio da escrita e das fotografias, os fluxos que entranham o corpo ao estar estrangeiro de si, sem perder os/as outros/as que nos habitam. Os conceitos elencados no processo investigativo, assim como os molhos de chaves, proporcionaram a abertura de lugares ainda desconhecidos, possibilitando propor a noção de *pasearse* (NUÑEZ, 2020), a qual mobilizou o trânsito e a criação das variadas linhas que se entrelaçaram durante a pesquisa.

Conforme refere Mossi (2017, p. 187-188), as imagens são incorporadas “[...] junto ao texto e aos percursos de pesquisa como ‘arsenais, substâncias de experimentação, e não códigos de interpretação’”. Essas composições permitem romper com a ideia que conhecemos e fomos ensinados desde muito cedo, a ‘máxima’ que diz: ‘uma imagem vale mais que mil palavras’, pois uma imagem vale por uma imagem. Trabalhar nessa perspectiva impulsiona uma pesquisa em educação em que imagens podem ganhar maior abertura e porosidade ao assumir possibilidades e potências, atuando:

[...] como potência discursiva que tenciona, amplia, estabelece outras vias de acesso e de vazão ao texto, o qual por sua vez, ao receber imagens que tomam essa outra posição, acaba se tornando também mais poroso, aberto, permeável a outros sentidos e, por sua vez, passível de conexões diversas, as quais podem vir a ser feitas singularmente por cada leitor que se relaciona com ele (OLIVEIRA; MOSSI, 2018, p. 122).

Ao produzir escritas e imagens criamos contornos e formas, vamos compondo planos justapostos por conceitos e experiências vivenciadas em grupo, de modo a criar diversos planos móveis constituídos de múltiplos heterogêneos em contínua conexão. Essas escolhas vão acontecendo a cada instante em que somos capturados e afetados, assim como os lugares e vozes que nos habitam.

Ao estarmos à espreita, logramos nos movimentar por meio das metodologias e noções que elencamos, esboçamos linhas que provisoriamente traçaram sentidos durante o processo, escrevemos sobre as experiências e os sentidos atribuídos aos passos que damos. Assim, vamos afetando os caminhos investigativos ao tempo que somos afetados por eles, assumindo-nos como *paseaderos/as* pelos planos móveis da investigação, sem fecharmo-nos em conceitos, representações e/ou identidades.

Imagens, esboços, escritas... Fragmentos de pesquisa *entre* arte, educação e fabulação

Quando mergulhamos em uma pesquisa que se produz diante de muitas mãos, afetada por tantos disparadores, necessitamos estar atentos para o que guardar em nosso baú de criações e o que soltar em meio ao percurso. Uma pesquisa que se produz em bando, coletivamente, está em ininterrupto movimento de transformação, sempre em vias de ser/estar no novo, no inédito e foi desta maneira se construindo costuras com a educação, com a arte e caminhos metodológicos que abarcaram a fabulação (BARIN, 2019).

A fabulação compreende-se na produção de uma língua menor, em devir e está ligada ao que ainda não é, da ordem do por vir. O termo fabulação está entrelaçado a uma quebra de paradigmas, de evidenciar e escutar as minorias, aos que continuam resistindo em meio a idealismos velados, imóveis. Ampliar-se ao devir para escapar de uma forma dominante. “Devir não é metafórico, não se dá na imaginação, nem diz respeito a um sonho, a uma fantasia. O devir é real” (MACHADO, 2009, p. 213).

Ao pensar uma linguagem menor para se produzir *entre* um coletivo, foi preciso escavar possíveis para escoar potências de um devir, na qual nos fazemos estrangeiros na nossa própria língua para assim, fazer brotar uma resistência nas minorias, reinventar-se em meio as adversidades, produzir-se heterogêneo imbricado na matilha. As minorias quebram a concepção de centralidade, fazem fronteira móvel com o sistema anárquico, são aqueles que se colocam em invenção o tempo todo, todo o tempo, sempre em devir.

Quando falamos de uma pesquisa que se movimenta conforme vai se construindo, estamos dizendo que esta precisa dos atravessamentos da vida, dos encontros e do trajeto para acontecer. “É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir” (DELEUZE, 2011, p. 88). Podemos dizer que o devir adentra na pesquisa como um movimento constante de afetos, brechas de respiros e linhas de fuga, no qual um “acontecimento interrompe a história, a revolucionam, criam uma nova história, um novo início. Por isso, o devir é sempre minoritário” (KOHAN, 2007, p. 92).

Inventar ‘histórias’ inéditas em meio a escrita é o que permite potencializar as escolhas feitas durante o trajeto, sabendo que disparadores irão transbordar nas imagens, que experimentações serão contadas e atualizadas nas páginas de uma tese de doutorado e perceber como e quando o coletivo agarra nossa mão e nos arrasta *entre* a fabulação, a produção artística e a educação.

A fabulação rompe com a noção de fábulas, por não seguir temporalidades no momento de sua criação, por abandonar uma narrativa factual, sem seguir um começo, meio e fim de um tempo cronológico. É desta forma que foi se construindo o percurso de investigação, sempre roubando ideias, costurando fios dos EOCs, que oportunizavam o germinar de questionamentos sobre a arte e a educação. Ao brincar despretensiosamente com o tempo não linear, era possível retornar quantas vezes fosse necessário para as anotações, vivências e falas que o coletivo dispunha sobre a pesquisa e como esta foi reinventada, a todo instante, desde a montagem e criação da escrita e na escolha e produção das imagens em fabulação.



Figura 2. Fragmento de imagem retirado da pesquisa de Tese de Doutorado, 2019. Fotografia da autora.

A fabulação foi sendo explorada como metodologia (BARIN, 2019) para engendrar os disparadores inventivos que foram recolhidos no percurso da pesquisa. Entendida dentro do campo da arte, como a literatura e o cinema, por Deleuze e Guattari, a fabulação não foi tratada como conceito por estes dois autores pois, os conceitos estão conectados ao campo filosófico. Já para o autor Ronald Bogue (2011), a fabulação pode ser caracterizada por um conceito, na qual é ampliada para mais cinco características, como: devir-outro, experimentação do real, 'mito', invenção de um povo por vir e desterritorialização da linguagem. Esta noção de devir-outro é explorada nos livros Mil Platôs vol. 1 (1995) e vol. 4 (2012), nos quais Deleuze e Guattari o ramificam como devir-mulher, devir-imperceptível, devir-criança, devir-animal, entre outros.

355 ■



Figura 3. Fragmento de imagem retirado da pesquisa de Tese de Doutorado, 2019. Fotografia da autora.

Todos estes devires são de natureza política, rebatendo relações de poder como das categorias majoritárias de homem, branco, europeu, adulto e humano em relação ao feminino, ao não-branco, ao não europeu, à criança e ao animal. Segundo Bogue (2011, p. 21), o devir-outro “envolve uma passagem entre categorias, entre formas de existência e entre corpos distintos, de modo que elementos estáveis sejam colocados em desequilíbrio metamórfico”. Com tantos atravessamentos surgidos pelas vivências com o coletivo, os desequilíbrios foram se formando no instante da produção das imagens, possuindo assim, de forma estética e artística, a colaboração do bando, da matilha dos EOCs que se inventa junto para construção de singularidades.

Quando falamos de investigação em educação e arte, juntamente embebida dos autores e conceitos das filosofias da diferença, pertencentes ao grupo EOCs, percebemos que não podemos produzir pesquisa solitários/as. Não que não seja possível tais linhas percorrem um trajeto sozinhas, mas porque não queremos deixar de estar atentos/as ao que o coletivo potencializa. O campo da educação se produz em coletivo, na qual não precisa se dividir somente em ‘certo ou errado’. Na educação é possível ultrapassar esta barreira. É necessário desmontar os limites de um espaço imutável, fixo. É preciso desterritorializar, ampliar o pensamento para assim acontecer a reterritorialização de estados que continuam buscando atualizações e metamorfoses. Ao ouvir com atenção, olhar com atenção, estamos ocupando o *entre* que fabula, que se expande em invenção, que se movimenta em devir, que experimenta todas as potências do possível.

Conclusão

A possibilidade de muitos territórios se produzirem é sempre potencializada quando trabalhamos a partir da troca, da partilha, da soma. Admiramos a maneira como se produzem as arguições no coletivo, onde colegas esboçam sentidos ao seu entorno produzindo seus caminhos, não de modo excludente e sim diferentes por suas singularidades em suas vivências e sentidos atribuídos às coisas.

O modo como se produz pesquisa nos EOCs potencializa o aneajar de cada estudante-pesquisador/a, pois provoca-nos a pensar com o outro e não como o outro (DELEUZE, 2010), à guisa de operar nas escritas e investigações conexões com às filosofias da diferença, as artes e a educação, experienciando assim singularidades em meio a matilha. As pesquisas podem ser esboços de possibilidades passadas e/ou por vir, que potencializam a trajetória por territórios movediços, produzindo sentidos às coisas e ao pesquisar e escrever em planos justapostos e em contínuo movimento.

Nos planos moventes do pesquisar e escrever parece sempre haver uma brecha entre o que desejamos e o fato, nem sempre escrevemos aquilo que pensamos ou queremos dizer, nem sempre produzimos imagens como as desejamos. “A fórmula é ‘n menos 1’, eliminar a unidade, eliminar o universal” (DELEUZE, 1988, p. 76), escrever de modo a afirmar nossa singularidade, extrair o singular do universal. É compreender as diferenças como bando, sem negar as potencialidades adquiridas com o afeto do outro, com a leitura do outro, com a atenção do outro.

Ao apresentar brevemente os caminhos metodológicos nesta escrita, conseguimos aproximar o leitor daquilo que se produz no todo, mas que sempre fortifica o modo singular de ser/estar de cada pesquisador/a. Nossas pesquisas não se produzem na solidão. São feitas de muitos compartilhamentos, roubos, empréstimos, invenções e reinvenções de pensamentos. Os EOCs constituem a matilha que amplia as conexões de uma educação que se faz pelo coletivo, que se pensa em conjunto e que constrói questionamentos em constante movimento no campo da educação e das artes.

Somos *paseaderos/as* de territórios que ainda estão por se fazer, que ainda estão em pleno ato de fabular. Mantemo-nos atentos ao que atravessa nossos corpos, nossas experimentações como docentes/artistas/pesquisadores/as e tudo que nos contagia *entre* este coletivo de encontros. É desta forma que construímos imagens, escritas, respiros e brechas para seguir pesquisando.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 169-192.

BARIN, Ana Cláudia. **Invento-me**: potências do devir – criança- uma educação pela fabulação. 2019. 173 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

BOGUE, Ronald. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIN, A. Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Suzana O. (Orgs.) **Conexões**: Deleuze e Vida e Fabulações e... – Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011, p. 17-35.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988.

DELEUZE, Gille. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gille. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2015. v. 3.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. [tradução: Eloisa Araújo Ribeiro]. São Paulo: Escuta, 1998.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NEUSCHARANK, Angélica. **Uma docência pela garimpagem**: encontros com signos. 2015. 80 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

NUÑEZ, Marcela B. **Encontros de Orientação Coletiva** – Pasearse por agenciamentos coletivos e produções a N-1. 2020. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. – Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo sem órgãos, sobrejustaposições**. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é? Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; MOSSI, Cristian. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens. **Revista Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 115-131, 2018.

Recebido em 15/05/2021 - Aprovado em 21/09/2021

Como citar:

BARIN, A. C.; NUÑEZ, M. B. Percursos de pesquisas entre coletivos: investigações em Educação e Artes. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 346-358. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61095>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.